Enquanto o planeta queima, o gasto em armas bate recordes | Carta semanal 18 (2022)

Dia Al-Azzawi (Iraque), Massacre de *Sabra e Shatila*, 1982–83.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Dois relatórios importantes foram divulgados no mês passado e nenhum deles recebeu a atenção merecida. Em 4 de abril, foi publicado o **relatório do Grupo de Trabalho III do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)**, evocando uma forte reação do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres. O relatório "é uma ladainha de promessas climáticas não cumpridas. É um arquivo da vergonha, catalogando as promessas vazias que nos colocam firmemente no caminho para um mundo inabitável", **disse ele**. Na COP 26, os países desenvolvidos se comprometeram a **gastar modestos 100 bilhões de dólares para o Fundo de Adaptação** para ajudar os países em desenvolvimento a se adaptarem às mudanças climáticas. Enquanto isso, em 25 de abril, o Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo (SIPRI) divulgou seu relatório anual, revelando que os gastos militares mundiais ultrapassaram 2 trilhões de dólares em 2021, uma cifra jamais atingida anteriormente. Os cinco maiores gastadores – Estados Unidos, China, Índia, Reino Unido e Rússia – são responsáveis por 62% desse valor; os Estados Unidos, sozinho, responsável por 40% do total de gastos com armas.

Há um fluxo interminável de dinheiro para armas, e uma ninharia para evitar um desastre planetário.

Shahidul Alam/Drik/Majority World (Bangladesh), A resiliência do habitante de Bangladesh médio é notável. Enquanto essa mulher atravessava as águas da enchente em Kamalapur para trabalhar, um estúdio fotográfico, "Dreamland Photographers", estava aberto para negócios, 1988.

Essa palavra "desastre" não é um exagero. O secretário-geral da ONU, Guterres, alertou que "estamos em um caminho rápido para o desastre climático… É hora de parar de queimar nosso planeta". Essas palavras são baseadas nos fatos contidos no relatório do Grupo de Trabalho III. Agora está firmemente estabelecido no registro científico que a responsabilidade histórica pela devastação feita ao nosso meio ambiente e ao nosso clima recai sobre os Estados mais poderosos, liderados pelos Estados Unidos. Há pouco debate sobre essa responsabilidade em um passado distante, consequência da implacável guerra contra a natureza levada a cabo pelas forças do capitalismo e do colonialismo.

Mas essa responsabilidade também se estende até a atualidade. Em 1º de abril, um **novo estudo** foi publicado no *The Lancet Planetary Health* demonstrando que, de 1970 a 2017, "as nações de alta renda são responsáveis por 74% do uso global de material excedente, impulsionado principalmente pelos EUA (27%) e pelos 28 países de alta renda da UE (25%)". O uso de materiais excedentes nos países do Atlântico Norte se deve à utilização de recursos abióticos (combustíveis fósseis, metais e minerais não metálicos). A China é responsável por 15% do uso global de material excedente e o restante do Sul Global é responsável por apenas 8%. O uso

desse material excedente nos países de baixa renda é impulsionado em grande parte pela utilização de recursos bióticos (biomassa). Essa distinção entre recursos abióticos e bióticos nos mostra que o uso de materiais excedentes no Sul Global é amplamente renovável, enquanto o dos estados do Atlântico Norte não.

Tal intervenção deveria estar nas primeiras páginas dos jornais do mundo, particularmente no Sul Global, e suas descobertas amplamente debatidas nos canais de televisão. Mas mal foi notado. Prova decisivamente que os países de alta renda do Atlântico Norte estão destruindo o planeta, e precisam mudar seus caminhos e investir nos vários fundos de adaptação e mitigação para ajudar os países que não estão criando o problema, mas que sofrem com o seu impacto.

Os estudiosos que escreveram esse artigo observam que "as nações de alta renda têm a esmagadora responsabilidade pelo colapso ecológico global e, portanto, têm uma dívida ecológica com o resto do mundo". Esses países precisam assumir a liderança em fazer reduções radicais no uso de seus recursos para evitar mais degradação, o que provavelmente exigirá abordagens transformadoras de pós-crescimento e decrescimento". Esses são pensamentos interessantes: "reduções radicais no uso de recursos" e depois "abordagens pós-crescimento e decrescimento".

Simon Gende (Papua Nova Guiné), *O exército estadunidense encontra Osama bin Laden escondido em uma casa e o mata*, 2013.

Os Estados do Atlântico Norte – liderados pelos Estados Unidos – são os maiores gastadores de riqueza social em armas. O Pentágono – as forças armadas dos EUA – "continua sendo o maior consumidor individual de petróleo", diz um **estudo da Brown University**, "e, como resultado, um dos maiores emissores de gases de efeito estufa do mundo". Para conseguir que os Estados Unidos e seus aliados assinassem o Protocolo de Kyoto em 1997, os Estados membros da ONU tiveram que permitir que as **emissões de gases de efeito estufa** pelos militares fossem excluídas dos relatórios nacionais sobre emissões.

A vulgaridade desses assuntos pode ser demonstrada claramente pela comparação de dois valores monetários. Primeiro, em 2019, as Nações Unidas **calcularam** que a lacuna anual de financiamento para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) era de 2,5 trilhões de dólares. Entregar os 2 trilhões anuais em gastos militares globais para os ODS ajudaria muito a lidar com os principais ataques à dignidade humana: fome, analfabetismo, falta de moradia, falta de assistência médica e assim por diante. É importante notar aqui que o valor de 2 trilhões de dólares do SIPRI não inclui o desperdício vitalício de riqueza social dado a fabricantes privados de armas para sistemas de armas. Por exemplo, o **sistema de armas Lockheed Martin F-35** está projetado para custar quase 2 trilhões de dólares.

Em 2021, o mundo gastou mais de 2 trilhões de dólares em guerra, mas apenas investiu – em um cálculo generoso – **750 bilhões de dólares** em energia limpa e eficiência energética. O **investimento total em infraestrutura energética** em 2021 foi de 1,9 trilhão, mas a maior parte desse investimento foi para combustíveis fósseis (petróleo, gás natural e carvão). Assim, os investimentos em combustíveis fósseis continuam e os investimentos em armas aumentam, enquanto os investimentos para a transição para novas formas de energia mais limpa permanecem insuficientes.

Aline Amaru (Tahiti), *La Famille Pomare* (A família Pomare), 1991.

Em 28 de abril, o presidente dos EUA, Joe Biden, **pediu ao Congresso** dos EUA que fornecesse 33 bilhões de dólares para sistemas de armas a serem enviados à Ucrânia. O pedido por esses fundos vem em paralelo a declarações incendiárias feitas pelo secretário de Defesa dos EUA, **Lloyd Austin**, que disse que os EUA não estão tentando remover as forças russas da Ucrânia, mas "ver a Rússia enfraquecida". O comentário de Austin não deve ser uma surpresa. Isso reflete a **política dos EUA desde 2018**, que tem sido impedir que China e Rússia se tornem "**rivais próximos**". Os direitos humanos não são uma preocupação; o foco é evitar qualquer desafio à hegemonia dos EUA. Por isso, a riqueza social é desperdiçada em armas e não usada para resolver os dilemas da humanidade.

Teste atômico de Shot Baker sob a Operação Crossroads, Bikini Atoll (Ilhas Marshall), 1946.

Tomemos como exemplo a forma como os Estados Unidos reagiram a um **acordo** entre as Ilhas Salomão e a China, dois vizinhos. O primeiro-ministro das Ilhas Salomão, **Manasseh Sogavare, disse** que o acordo visa promover o comércio e a cooperação humanitária, não a militarização do Oceano Pacífico. No mesmo dia do

discurso do primeiro-ministro Sogavare, uma delegação de alto nível dos EUA chegou à capital do país, Honiara. Eles **disseram** ao primeiro-ministro Sogavare que, se os chineses estabelecerem qualquer tipo de "instalação militar", os Estados Unidos "teriam preocupações significativas e responderiam de acordo". Eram ameaças simples. Alguns dias depois, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, **Wang Wenbin, disse**: "os países insulares no Pacífico Sul são estados independentes e soberanos, não um quintal dos EUA ou da Austrália. Sua tentativa de reviver a Doutrina Monroe na região do Pacífico Sul não terá apoio e não levará a lugar nenhum".

As Ilhas Salomão têm uma longa memória da história do colonialismo australiano-britânico e cicatrizes de testes da bomba atômica. A prática do "blackbirding" sequestrou milhares de habitantes das Ilhas Salomão para trabalhar nos campos de cana-de-açúcar em Queensland, Austrália, no século 19, levando à Rebelião de Kwaio em 1927, em Malaita. As Ilhas Salomão lutaram arduamente contra a militarização, **votando em 2016 com o mundo para proibir as armas nucleares**. O apetite de ser o "quintal" dos Estados Unidos ou da Austrália não existe. Isso ficou claro no poema luminoso "Sinais de Paz" (1974), do escritor das Ilhas Salomão, Celestine Kulagoe:

> Um cogumelo brota de
> um árido atol do Pacífico
> Desintegra-se no espaço
> Deixando apenas um resíduo de poder
> ao qual, por uma ilusória
> paz e segurança,
> o homem se apega.
>
> Na calma da madrugada
> o terceiro dia depois
> o amor encontrou a alegria
> no túmulo vazio
> a cruz de madeira da desgraça
> transformada em símbolo
> de serviço de amor
> e Paz.
>
> No calor da calmaria da tarde
> a bandeira da ONU tremula
> escondida da vista por
> bandeiras nacionais
> sob as quais
> homens sentados com os punhos cerrados
> Assinam tratados
> de paz.

Cordialmente,

Vijay.